

# Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

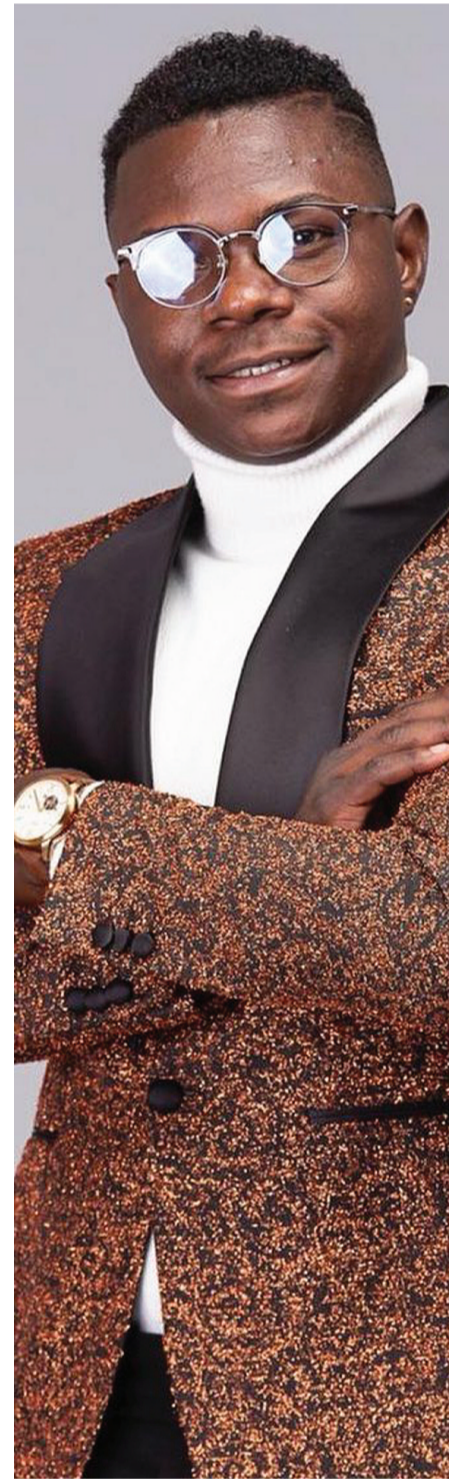
22 de Outubro a 4 de Novembro de 2019 | Nº 192 | Ano VIII • Director: José Luís Mendonça

.... Kz 50,00

Pág.  
4-7

LETRAS

## Géneses da pseudonímia angolana: significados e contexto de adopção



EDITORIAL Pág. 2

Tango  
travestido  
de Semba

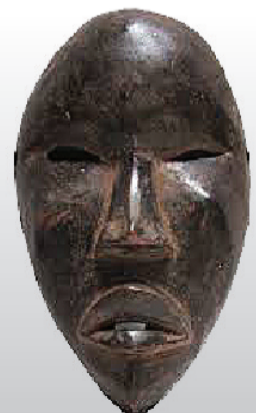


HISTÓRIA Pág. 11



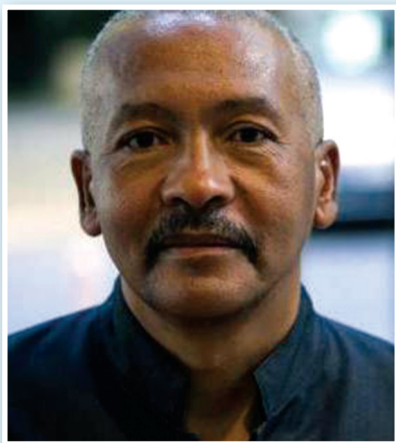
As Forças  
Armadas  
Angolanas  
Contributos  
para  
a edificação  
do Estado

NAVEGAÇÕES Pág. 16



Omayombola  
(o feitiço)

## José Luís Mendonça



### Tango travestido de Semba

**D**e há uns anos a esta parte, o Semba foi incorporando certos maneirismos copiados do Tango argentino. Esta nova coreografia e passadas à Tango podem ser observadas muito particularmente nos concursos de danças de salão, onde as damas se estiram perpendiculares nos braços do par, ou de perna cruzada à altura da cintura do parceiro de dança. Mas também nas festas familiares, em salões alugados ou nos quintais dos bairros se pode observar este "desvio" latino-americano.

À primeira vista, poder-se-ia aplaudir esta "criatividade" da nossa juventude urbana, principalmente de Luanda, por trazer uma inovação à vida festiva dos angolanos. Mas ao relermos a famosa oração de sapiência do escritor moçambicano Mia Couto, nos perguntamos: "em vez de inovação do Semba, não estaremos perante o sétimo sapato sujo descrito na famosa oração de sapiência de Mia Couto?"

Vamos reler o escritor moçambicano: *"Sétimo sapato – A ideia de que para sermos modernos temos que imitar os outros. (...) a produção cultural nossa se está convertendo na reprodução macaqueada da cultura dos outros. O futuro da nossa música poderá ser uma espécie de hip-hop tropical..."*

Este fenómeno das novas colorações e até derretimentos dos icebergs culturais urbanos na grande capital, Luanda, pode buscar uma explicação no conceito de imperialismo cultural, tal como sugere Pierre Bourdieu, como "uma violência simbólica que se apoia numa relação de comunicação coercitiva para extorquir a submissão e cuja particularidade consiste, nesse caso, no facto de universalizar particularismos vinculados a uma experiência histórica singular, ao fazer com que sejam desconhecidos, enquanto tal, e reconhecidos como universais."

É certo que a coreografia do Tango tem pontos de confluência com o Semba, com improvisos, "cortes" para poses com a parceira e "quebradas" (movimentos de cintura) e a sensualidade dos corpos agarrados. É certo que, tal como jazz, também é o resultado da grande viagem transatlântica dos navios negreiros. Contudo, tanto um como o outro são já o resultado de incorporações da instrumentalização ocidental.

Se os recreadores do Semba tivessem outra visão da Cultura angolana, haveriam de constatar que existe um fundo residual cultural que é nosso e que não podemos excluir: no caso do Semba é a "umbigada", esse toque mágico que deu origem ao nome, ao estilo e à passada da dança do Semba.

Gostaria, pois, de propor aos nossos dançarinos um exercício de buscar na tradição da massamba algumas passadas para se inovar a dança e não se cingirem só ao Tango argentino. O elemento principal que está na origem do nome Semba é a "umbigada" (massamba). Ora, porque não inovar por aí? Introduzir-lhe elementos de géneros passistas estrangeiros, até fica bonito. Mas, o toque dos ventres da Massamba é ainda mais bonito. É sensual, é mágico. Porque não ir então às origens do Semba para não deixar morrer a sua alma de massamba originária?

É que a grande marca de África e dos africanos, nesta era Android é somente a nossa Cultura. Não produzimos automóveis, portanto, não podemos ter um carro na fórmula um a representar um país e um continente, como a marca Mercedes. Não produzimos naves espaciais, portanto não temos nenhuma Apollo 11 ou Soyuz no espaço sideral, com a bandeira da União Africana. O que temos é uma Cultura muito própria, um ritmo-emoção que nos faz suar, temos contos especiais, cantares que adormecem os leões da savana e um tã-tã que faz vibrar as paredes do coração.

Se perdermos a nossa matriz cultural, só poderemos tornar-nos iguais aos outros, e assim nós, depois de perdermos a fala bantu para o Mundo, como poderemos mostrar diversidade neste mundo global?

## Normas editoriais

O jornal Cultura aceita para publicação artigos literário-científicos e resenhas bibliográficas. Os manuscritos apresentados devem ser originais. Todos os autores que apresentarem os seus artigos para publicação ao jornal Cultura assumem o compromisso de não apresentar esses mesmos artigos a outros órgãos. Após análise do Conselho Editorial, as contribuições serão avaliadas e, em caso de não publicação, os pareceres serão comunicados aos autores.

Os conteúdos publicados, bem como a referência a figuras ou gráficos já publicados, são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os textos devem ser formatados em fonte Times New Roman, corpo 12, e margens não inferiores a 3 cm. Os quadros, gráficos e figuras devem, ainda, ser enviados no formato em que foram elaborados e também num ficheiro separado.

### Propriedade



Sede: Rua Rainha Ginga, 12-26 | Caixa Postal 1312 - Luanda  
Redacção 222 02 01 74 | Telefone geral (PBX): 222 333 344  
Fax: 222 336 073 | Telegramas: Proangola  
E-mail: ednovembro.dg@nexus.ao

### Conselho de Administração

Victor Silva (presidente)

### Administradores Executivos

Caetano Pedro da Conceição Júnior,  
José Alberto Domingos, Rui André  
Marques Upalavela, Luena Kassonde  
Ross Guinapo

### Administradores Não Executivos

Filomeno Jorge Manaças  
Mateus Francisco João dos Santos Júnior

# Cultura

## Jornal Angolano de Artes e Letras

Nº 192/Ano VIII/ 22 de Outubro a 4 de Novembro de 2019  
E-mail: cultura.angolana@gmail.com  
site: www.jornalcultura.sapo.ao  
Telefone e Fax: 222 01 82 84

### CONSELHO EDITORIAL

#### Director e Editor-chefe:

José Luís Mendonça

#### Editor:

Gaspar Micolo

#### Departamento de Paginação:

Irineu Caldeira (Chefe), Adilson Santos (Chefe adjunto),  
Adilson R. Félix, Sócrates Simóns, Jorge de Sousa  
e Waldemar Jorge

**Edição online:** Adão de Sousa

#### Colaboram neste número:

**Angola:** Alírio Polo, António Gonçalves, Laurindo Vieira, Maria Tona, Mário Pereira

**Brasil:** Lúcia Maria Patriota

**Portugal:** Eugénio Costa Almeida

#### FONTES DE INFORMAÇÃO GLOBAL:

Afreka, Africultures, Portal e revista de referência, Agulha, Correio da Unesco, Modo de USAR & CO, Obvious Magazine e Engenharia é.

# A Cultura como expressão política de unificação dos povos, escreve-se no plural: culturas



Elefantes



Kora



LAURINDO VIEIRA

Os estudos no campo da Sociologia da Cultura, da Antropologia e de outras áreas do conhecimento do social referem que o conceito de cultura é polissémico. Engendra dentro de si uma variedade de sentidos, mas também de significados. Desde a ideia de cultura como «cultivo do campo», ao sentido de cultura como forma de «moldar a mente humana», metáfora que nos remete para a noção do «indivíduo culto», como o cultor de letras (no sentido académico), o conceito de cultura evoluiu da noção de cultivo da terra (agricultura), para a ideia de cultura como processo social.

Enquanto processo social, a cultura é entendida como toda a produção que um povo realiza nos seus mais variados aspectos da vida, tais como, a literatura, a arte, a dança, a poesia, a produção e publicação de obras de referência, as manifestações tradicionais, a música, as descobertas no mundo da ciência, enquanto racionalidade científica.

Entretanto, a noção polissémica do conceito de cultura tem produzido, em muitos contextos sociais, a ideia segundo a qual, cultura é, apenas, sinónimo de dança tradicional, folclore, ar-

tesanato, culinária, demonstração de traços de algumas regiões, etc. Tal racionalidade contribui, sistematicamente, para que se conceba e se pense a cultura como algo arcaico e meramente tradicional.

Aliás, quando muitas vezes se aborda a problemática da dicotomia entre a modernidade vs tradição, é frequente pensar-se que tudo o que é cultura nos remete para a tradição, para o velho e arcaico, como se a modernização não fosse parte da cultura científica, histórica e filosófica dos povos, e aditivamente, o moderno não entra necessariamente em conflito com a cultura.

As ciências sociais referem, nos seus mais diversos tratados sobre a noção de cultura, que é necessário ter-se uma visão mais abrangente quando se aborda a problemática do que é cultura, e no campo da cientificidade nas ciências sociais, devemos encará-la como processo social. Encarar a cultura como processo social, significa compreender que a cultura é toda manifestação de vida de um povo, de uma população, de uma comunidade, sociedade ou nação. Expressa-se na forma como um povo respeita as suas gentes, a forma como lida com a sua história, a forma como preserva a sua identidade e aceita a sua história. Em todos estes aspectos há sempre um processo social, independentemente de outros aspectos de natureza psicológica ou biológica.

A título de exemplo, podemos afirmar que a construção da identidade, para além de possuir referentes psicológicos, também é sedimentada pelos aspectos culturais do indivíduo, o lugar

onde nasceu e cresceu, os locais por onde passou, os monumentos que marcaram a sua vida (exemplo do Kinaxixe, o Largo do Baleizão), para citar alguns, no caso de Luanda, a sua memória social, tudo tem uma perspectiva cultural.

A maneira como uma sociedade lida com os seus mortos, tudo deriva da cultura herdada dos seus ancestrais, todo o comportamento pessoal e social, hábitos e costumes podem ser influenciados pela cultura, por isso, tem-se afirmado que não existem povos sem cultura, nem cultura fora das sociedades humanas. A Cultura é toda a herança material e imaterial de um povo, não se rejeita, assume-se por inteiro, é parte do seu património histórico.

Quando afirmámos que a cultura é uma expressão política de unificação dos povos, socorremo-nos da ideia avançada pelo sociólogo americano Immanuel Wallertsein (1930-2019), segundo a qual em alguns contextos sociais, a cultura pode ser um campo de batalha e acarretar conflitos entre povos, comunidades e sociedades, quando alguns traços culturais de algumas comunidades ou grupos minoritários são mal concebidos e relegados para um plano secundário, pela cultura maioritária.

Quando se retira ou se pretende retirar aos outros os traços da sua cultura está-se-lhes a retirar a sua identidade, ou seja, aquilo que eles são. Tal processo de anulação cultural do outro é socialmente perigoso. O perigo maior pode ocorrer quando a dimensão política da sociedade entra para o campo da cultura procurando desvalorizar determinados grupos sociais, manipulando-os, e discriminando-os em função

das diferenças de cada grupo social.

Tal fenómeno tem sido muito comum em África, e os exemplos existem à mão de semear, basta olharmos para a nossa realidade.

Quanto à expressão «cultura escreve-se no plural», significa reconhecer que ao conceito de cultura estão implicados outros conceitos estruturantes que lhe dão forma e conteúdo e que são fundamentais para dirimir ou mesmo evitar conflitos interculturais e intraculturais.

Dos vários conceitos estruturantes no campo da cultura, destacam-se os seguintes: Diversidade Cultural, Relatividade Cultural, Etnocentrismo, Inovação cultural, Assimilação cultural, etc. Destes vamos abordar apenas alguns.

A noção de Diversidade Cultural radica na ideia de que todas as sociedades apresentam um mosaico de culturas que as tornam multiculturais. Aliás, a multiculturalidade é a marca sócio antropológica das sociedades actuais, porquanto todas as sociedades são constituídas de várias culturas.

Contudo, para que a diversidade cultural seja estruturante, em qualquer sociedade, é crucial que ela se associe ao relativismo cultural (Franz Boas, 1858 – 1942), ideia que nos remete para a noção da não existência de culturas superiores. Todas as culturas têm as suas especificidades. Dito de outro modo, não basta reconhecer a existência de culturas diferentes, é imperioso que as culturas sejam respeitadas, valorizadas e reconhecidas nos contextos sociais em que elas se desenvolvem.

A valorização dos diferentes grupos sociais permite que os mesmos manifestem a sua cultura sem que sejam vítimas de preconceitos, estereótipos ou representações sociais negativas, em função daquilo que são.

Em síntese, o relativismo cultural opõe-se ao etnocentrismo cultural, como visão que parte do primado da existência na sociedade, de uma cultura padrão que serve como medida de análise das outras culturas, e os grupos sociais detentores de tal cultura assumirem a ideia de que são superiores aos outros membros da sociedade.

Como já anteriormente afirmámos, a cultura, quando mal gerida, numa determinada sociedade, pode ser um campo de conflitualidades e uma das armas utilizadas para o conflito tem sido o etnocentrismo cultural.

O etnocentrismo cultural é utilizado quer na prática quotidiana, inscrita nas relações entre os diversos grupos sociais, quer na prática discursiva, cujos autores utilizam linguagem depreciativa sobre outros grupos, considerando-os como sendo culturalmente atrasados, conceito inexistente quer na sociologia da cultura quer na antropologia.

Para terminar, resta-nos afirmar que, na relação entre culturas diferentes no seio de comunidades diferentes ou dentro da mesma comunidade, devemos possuir uma visão mais funcionalista do que é a cultura, isto é, acreditar que todas as culturas podem em prestar algo ao mosaico global de culturas existentes numa mesma sociedade, ou em diferentes sociedades.

ANTÓNIO GONÇALVES

**I - O LIVRO**

O livro-álbum fotográfico da Italiana Augusta Conchiglia, comporta 239 páginas e inclui mais de 200 fotos, a maior parte delas tiradas na frente leste, 3ª Região Política Militar do MPLA, durante o período da Luta Armada de Libertação Nacional.

Dos aspectos relevantes do livro-álbum se destacam os seguintes:

1º Evocação da guerrilha aos primeiros anos da independência – texto de apresentação pela fundação António Agostinho Neto (pág. 5 a 7).

2º Quarenta Anos de Combate Revolucionário: Neto, na Primeira Pessoa – entrevista da autora a Agostinho Neto, revista *Afrique Asie* n.º 197 de 1 de Outubro de 1979 (pág. 9 a 12).

3º No Leste de Angola, 1968, por Augusta Conchiglia, comunicação submetida ao Primeiro Colóquio Internacional sobre a História do MPLA – Luanda, 7 e 8 de Dezembro de 2011 (pág. 13 a 18).

4º Kimbo – Início da Reportagem Fotográfica que se estende até a pág. 39 num total de 18 fotos. (pág. 19 a 39)

5º Agostinho Neto: Quarenta Anos de Combate Revolucionário – Testemunho de Agostinho Neto sobre a Luta pela Independência, recolhido pela autora. Revista *Afrique Asie* n.º 198 de 15 de Outubro de 1979 (pág. 41 a 44).

6º A Guerrilha no Leste (1968) – 5 fotos com destaque para as que apresentam notas de 20, 50, 100, 500 e 1000 Kwanzas (pág. 45 a 51).

7º Esplendor na Relva – texto de Humberto Almeida, primeiro Vice-Governador do Banco Nacional de Angola em 24 de Janeiro de 2017, no Museu da Moeda por ocasião da conferência “A História do Kwanza e a Estabilidade de Preços” actividade que visou celebrar o 40º Aniversário do acto da troca da moeda, ocorrido no dia 08 de Janeiro de 1977 e da entrada em circulação da unidade monetária nacional (pág. 52 e 53).

8º Bloco Fotográfico mais representativo com 112 fotos (pág. 55 a 146).

9.º Kimbo (1970), contém 4 fotos

# Acerca do livro de Augusta Conchiglia “Agostinho Neto, da Guerrilha aos Primeiros anos da Independência”



(pág. 147 a 151).

10º Reencontro Familiar durante a conferência de Roma em 1970, 6 fotos (pág. 155 a 157).

11º Maria da Silva Neto, a Mãe – testemunho da sua mãe intitulado “Em 12 anos, apenas o vi uma vez” (pág. 158).

12º Dia da Independência Nacional, 1975 – foto de Agostinho Neto com o nacionalista moçambicano Marcelino dos Santos (pág. 160).

13º Política Internacional, 1976 – 25 fotos com distintas personalidades a saber: Sekou Touré, Fidel Castro Ruz, Luiz Cabral, Chico Mendes, Sam Nujoma, Silvino da Luz, Osvaldo da Silva, Abílio Duarte, Pedro Pires, Aristides Pereira, Marien Ngoubi, Samora Machel e Mobutu SeseSeko (pág. 159 a 176).

14º Futungo de Belas e Palácio do Povo, 1976 – 14 fotos (pág. 178 a 185).

15º Maria Eugénia Neto, sua Esposa – depoimento da viúva e 24 fotos da mesma e de outros familiares bem como de amigos do casal (pág. 186 a 187).



*Não existem povos incultos,  
existem sim culturas diferentes,  
algumas com maior ou  
menor anos de afirmação  
mas todas elas contribuindo  
para a projecção do homem  
com a sua espiritualidade no  
planeta Terra*



16º Actividade Política Nacional – entrevista de Agostinho Neto à autora, *Afrique Asie* n.º 198 de 15 de Outubro de 1979 (pág. 203 a 205).

17º Novo Bloco de fotos num total de 14 (pág. 206 a 216).

18º O Carvalho Arrancado do chão – texto da autora sobre o momento político de Angola publicado na revista *Afrique Asie* n.º 198 de 15 de Outubro de 1979 (pág. 218 a 222).

19º A Luta de Libertação é incompatível com BNA? – Artigo da autora inserido no n.º 570 do *Novo Jornal*, referente ao dia 01 de Fevereiro de 2019.

20º Angola 50 Anos de Paixão – texto de Augusta Conchiglia, a falar da sua experiência no contacto com os actores da Luta Armada de Libertação Nacional desde Agostinho Neto, Daniel Chipenda e até Jonas Savimbi. Manifesta a sua opinião sobre a FNLA, UNITA e o Governo de transição. Não deixou por alto a sua visão relativamente à Administração Democrática de Jimmy Carter, tendo referido que

em Janeiro de 1976 as relações entre Angola e EUA, conheceram uma viragem positiva (pág. 225 a 232). Consideramos de pertinente o texto em apreço do qual recomendamos uma leitura atenta, cuidada e profunda pelo seu valor histórico e como documento político de importância capital.

21º A Guerra do Povo em Angola – texto de José Luís Mendonça, sobre as razões que impulsionaram a jovem progressista Italiana a “ir testemunhar a Guerrilha Levada a Cabo na parte Leste de Angola Contra a Ocupação Colonial Portuguesa”, artigo publicado na revista de bordo da TAAG Austral de Março/Abril de 2012 (pág. 233 a 237).

**II - A PERTINÊNCIA DO ÁLBUM FOTOGRÁFICO**

O Presente livro, reportagem fotográfica de Augusta Conchiglia, representa um contributo inestimável à História do Nacionalismo Angolano Moderno, mormente sobre o período da Luta Armada de Libertação Nacional.

Nunca é demais recordar a estrutura do MPLA a partir de 1967 cujo comité director era composto por: Agostinho Neto – Presidente; Domingos da Silva – Vice-Presidente; Lúcio Lara – Responsável pela Organização e Quadros; Aristides Cadete (KimaKienda) – Chefe de Departamento de Finanças e Aníbal de Melo (Kamaxilo) – Chefe de Departamento de Informação.

Quanto à sua componente militar, estava organizado por:

- 1- Comando de Regiões Militares e zonas que comportavam
  - a) Posto do Comando;
  - b) Centro de Instrução Revolucionário (CIR);
  - c) Serviços de Assistência Médica por Regiões (SAM);
  - d) Centro de Assistência Médica por zona (CAM).



Por sua vez as unidades combativas, tinha as seguintes subdivisões:

- a) Coluna (grande agrupamento operacional);
- b) Esquadrão;
- c) Secção;
- d) Grupo.

A base era o acampamento do Comando da Secção que servia de local de recuperação, recomposição pessoal e Posto de Abastecimento: (História do MPLA 1º Volume).

Estava pois o MPLA empenhado a configurar de forma prática e decisiva a sua presença em seis regiões político-militar sendo elas:

- a) 1ª Região – Nambuangongo e Dembos a partir de 1961;
- b) 2ª Região – Cabinda desde 1964;
- c) 3ª Região – Zona Leste de Angola (Distrito do Moxico e Sudoeste Distrito de Cuando Cubango), aberta oficialmente em 18 de Maio de 1966.

É indiscutível que a 3ª Região foi a que deu ao MPLA a legitimidade e a oportunidade de se estruturar como uma guerrilha organizada e foi a partir de lá que estrategicamente o Movimento se foi implantando nas outras regiões, referimo-nos a:

- d) 4ª Região – parte de Cuando Cubango e Lundas em 1969 e posteriormente Malange em 1970;
- e) 5ª Região – em 1970 que incluía Benguela, Bié e Huambo;
- f) 6ª Região – Huíla, Moçâmedes (Namibe) e Cunene.

A Organização concebida visava expandir a guerrilha do MPLA em todo território Angolano.

Sobre os aspectos relatados não estamos a trazer qualquer novidade, a intenção é recalcar o papel preponderante do MPLA como elemento definidor do futuro da Luta Armada em Angola, tendo como líder o Dr. António Agostinho Neto.

O Livro que tendes ou que terão em mão é uma ferramenta preciosa, uma prova irrevogável de que o sonho de Agostinho Neto era genuíno como são genuínas as nossas raízes e tradições culturais que resistiram e ainda resistem à violência e imposição das culturas ocidentais.

Não existem povos incultos, exis-



tem sim culturas diferentes, algumas com maior ou menor anos de afirmação mas todas elas contribuindo para a projecção do homem com a sua espiritualidade no planeta Terra.

### III – SOBRE A DESVALORIZAÇÃO DO PAPEL HISTÓRICO DE AGOSTINHO NETO

É uma pena que muitos sujeitos (sobretudo os pertencentes às novas gerações), não conseguiram vislumbrar o papel histórico de Agostinho Neto na saga do Nacionalismo Angolano Moderno.

Enganam-se os que pensam que a importância do poeta e nacionalista se deve ao facto de ter sido o primeiro presidente do país. Se estudarmos o papel das gerações nos processos de luta quer no domínio sociocultural como no político, chegaremos à simples conclusão de que a geração de 40 do século XX mais propriamente a Geração da Mensagem que elaborou oportunamente a sigla “Vamos Descobrir Angola” foi a mesma que liderou a luta contra o colonialismo Português através de um discurso articulado de pendor cultural e reivindicativo plas-

mado nos textos literários que produziram.

Posteriormente, trocaram a caneta pelas armas de combate. Vários foram os actores de todo esse processo desde os fundadores da União das Populações do Norte de Angola (UPNA) criada em Julho de 1954, em Léopoldville por Manuel Barros Nekaka, Francisco Boralho Lulendo e José Eduardo Pinnock, passando pela criação do partido comunista de Angola em 1955 por Ilídio Machado, Viriato da Cruz, António Jacinto e Mário António Fernando de Oliveira que utilizaram os pseudónimos Paulo Costa, Mona Ya Mundo, Carlos Duarte e José Nunes Respectivamente.

Este partido foi pois o núcleo irradiador de onde se metamorfosearam como entidades independentes por razões estratégicas outras organizações que reunidas deram origem ao MPLA que conhecemos hoje. A História regista também a criação da UNITA em 1966, uma dissidência da FNLA, apesar da sua Intenção ter sido manifestada em 1965 por Jonas Savimbi e António da Costa Fernandes (Tony) em Champanix (Suíça). Todas essas organizações políticas cumpriram com o papel histórico que deles se demandava.

No entanto, a figura de Agostinho Neto já havia alcançado um lugar ao sol na História pelas suas posições e práticas que lhe valeram várias prisões mas também pela veemência do seu discurso cultural sintetizado na obra épica Sagrada Esperança, onde de forma magistral cantou o sofrimento do povo Angolano querdo meio rural ou dos musseques.

### IV – QUANDO FALAMOS DE AGOSTINHO NETO DE QUEM SE TRATA?

Agostinho Neto nasceu com um talento natural para o conhecimento e entendimento da complexidade do mundo e da época em que viveu, mas sobretudo para compreender a natureza hostil do regime colonial que es-

tava implantado em Angola.

Em 1922 havia sucedido a revolta de Catete em que foram vítima e feitos prisioneiros alguns protonacionalistas com destaque para António de Assis Júnior, Agostinho Pedro Neto (pai do herói nacional), João Domingos de Almeida, João Miguel Mendes de Carvalho (parente do orador pela parte materna), Adão Gaspar Domingos, Luís Paulino Pereira dos Santos Vandúnem (avó patrilíneo do ex presidente José Eduardo dos Santos), Nda-la DyaNzua, José de Fontes Pereira decano dos jornalista Angolanos e considerado pelas autoridades portuguesas como o «primeiro refilão de Catete», Lourenço Mendes da Conceição, entre outros. Quem não sabia escrever apoiou o manifesto carimbando com o seu próprio dedo. O documento em causa manifestava a oposição do povo daquela região, ao trabalho forçado nas rochas de cacau em São Tomé e Príncipe e ao cultivo de algodão em Angola.

1922 Foi também o ano em que nasceu o prémio Nobel de Literatura em Língua português o escritor José Saramago.

Cachicane dista 60 KM de Luanda.

Agostinho Neto teve como progenitores Maria da Silva Neto professora do ensino primário e Agostinho Pedro Neto pastor metodista e professor.

Frequentou a escola primária na sua aldeia natal tendo como mestres os pais. Realizou exames na escola primária no 7, de Sousa Coutinho com a classificação de 18 valores (distinção). No dia 14 de Fevereiro de 1934 entrou para Liceu nacional Salvador Correia. Em 1944 concluiu o 7º ano de ciências com 15 valores.

Trabalhou nos serviços de saúde de Angola durante 3 anos entre Malanje (dois) e Bié (um), tendo por esta via conseguidos os meios financeiros para embarcar para a Portugal em 1947. Cogita-se que também terá beneficiado de uma bolsa da igreja protestante 2 anos mais tarde e outra do IASA (Instituto de Assistência Social de Angola), suspensa em 1955 por ser preso político.

Em Coimbra estando no 2º ano de Medicina iniciou as suas actividades associativas na casa dos estudantes do império (CEI) tornando-se secretário de direcção em 1948.

Mudou-se para Lisboa em 1950.

A CEI havia sido fundada em 1944 em Lisboa e estendeu-se a Coimbra e Porto. Aproveitando a conjuntura da CEI, Agostinho Neto teve a brilhante ideia de criar o Centro de Estudos Africanos (CEA) em Lisboa, no mês Outubro de 1951 que funcionou até Abril de 1953. Neste projecto teve a colaboração activa de Amílcar Cabral (Guiné e Cabo Verde), Francisco José Tenreiro (São Tomé e Príncipe) e Mário Pinto de Andrade (Angola). O objectivo principal era o regresso às fontes e a redescoberta de África enquanto berço da Humanidade.

Em Julho de 1954 Agostinho Neto fundou o Clube Marítimo Africano agremiação desportiva recreativa e Cultura com intuito de juntar os ma-



rítimos aos estudantes na Metrópole. Os marítimos estavam encarregues de transportar material de incidência política de Lisboa para Luanda e vice-versa.

Entretanto em 1938 tinha sido fundado em Nova Lisboa (Huambo) por Sócrates Dáskalos a Organização Socialista Angolana (OSA). A mesma, foi desmantelada em 1941 após a prisão de 80 jovens que posteriormente foram libertados e enviados para Portugal. Estes, na Metrópole criaram o Movimento de Unidade Democrático (MUD).

Agostinho Neto em 1955 pertencia à comissão central do MUD- juvenil na qualidade de representante dos jovens das colónias portuguesas.

O nosso herói foi preso pela primeira vez em 1951 quando reunia assinaturas para o um pacto de paz entre as 5 potencias mundiais (EUA, URSS, Republica Popular da China, Inglaterra, França). Esteve preso 3 meses.

Foi preso pela segunda vez em 9 de Fevereiro de 1965, tendo permanecido 2 anos e 6 meses, primeiro em Caxias depois na cadeia de Aljube sendo libertado em 12 de Julho de 1957.

Uma onda de protesto internacional reagiu à sua prisão e a de outros activistas políticos portugueses. Sessenta Intelectuais Franceses ou residentes em França enviaram um telegrama de protesto ao Presidente da República Portuguesa entre os quais: Jean Cocteau; FrônçoisMouriac, Georges Duhamel da Academia Francesa e Louis Aragon, Jean-Paul Sartre, Tristan Tzra, Henri Lefebvre, Vercors, Elsa Triolet, Simone de Beauvoir, Nicolás Guillen, Claude Roy; Dieogo Rivera e Siqueiros. As autoridades portuguesas minimizaram o problema. (2).

No mesmo ano 1957 foi eleito Prisioneiro do Ano pela Amnistia Internacional. Em 27 de Outubro de 1958, 11 anos depois de se ter matriculado em Coimbra obteve a licenciatura em Medicina e casou-se no mesmo dia. Tinha 36 anos e a noiva Maria Eugenia 24 (3).

Em 30 de Dezembro de 1959 regressou a Luanda com a Família e montou dois consultórios, um no São Paulo e outro no Marçal. Aí não cobrava as consultas e aproveitava para conspirar. Em 8 de Julho de 1960 foi-lhe dado voz de prisão pelo subdirector da PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado) Senhor São José Lopes, em plena consulta. Ficou assim consumada a terceira prisão.

Ao reagir a detenção do homem de Cachicane o povo de Icolo e Bengo manifestou-se em repúdio que provocou uma violenta repressão traduzida em 30 morto e mais de 350 feridos, no que se convencionou chamar-se "massacre de Catete".

Em Aljube Agostinho Neto foi submetido a um regime de isolamento. Estando Joaquim Pinto de Andrade também preso em Portugal, decidem as autoridades portuguesas enviar este para São Tomé e Agostinho Neto para Santo Antão (Cabo Verde), sob residência fixa. Naquela altura já tinha sido designado presidente de honra do MPLA, sendo Mário Pinto de



Andrade o presidente.

Em Santo Antão desembarcou em 19 de Outubro de 1960 e hospedou-se na Pensão Chave de Ouro.

Por suspeita de estar a desenvolver actividades política clandestina em São Vicente as autoridades portuguesas propuseram transferi-lo para ilha da Boavista deserta e muito isolada, o que o nacionalista não anuiu inicialmente. Recusou também a entregar Delegação de Saúde a um enfermeiro, argumentando que só a confiaria num médico designado para o substituir, o que depois aconteceu (4).

Estando na cidade da Praia com destino a Boavista resultou a quarta prisão porque Maria Eugenia Neto tinha mostrado a algumas pessoas uma fotografia em que um militar português tinha a cabeça de um negro espetada no pau. Apesar da equipe da PIDE ter inspeccionado o hotel e não ter localizado a fotografia, Agostinho Neto sofreria a 4ª prisão.

O navio Manuel Alfredo partiu a 10 de Outubro e atracou em Lisboa no dia 17, com o prisioneiro e família.

Agostinho Neto foi mandado para Aljube e Maria Eugenia Neto e os dois filhos Mário Jorge e Irene acabada de nascer foram para casa da sua mãe.

#### **APÓS 6 MESES EM ALJUBE NETO FOI POSTO SOB RESIDÊNCIA FIXA EM LISBOA.**

Agostinho Neto e família saíram da residência em Alfama e instalaram-se em Sintra perto da Praia das Maças numa casa de férias pertencente à mãe de Maria Eugénia a Sra. Maria Amélia da Silva. (5)

O piloto de navio José Nogueira a mando do Partido Comunista português equipou e abasteceu o barco José Gabriel. A embarcação com destino a Marrocos serviu de meio de evasão levando a bordo Agostinho Neto, Maria Eugenia Neto, Mário Jorge, Irene Neto, José Nogueira (simpatizante do

PCP), Jaime Serra (PCP) e Vasco Cabral (PAIGC).

Tiveram como primeiro destino Tânger depois Rabat a capital de Marrocos. Aí Maria Eugenia ficou alojada na casa da cunhada Ruth Neto e Agostinho Neto seguiu para Léopoldville onde ao chegar deu uma conferência de imprensa para manifestar a sua vontade de unir todas as forças nacionalistas angolanas numa frente comum.

Agostinho Neto porém não conseguiu atingir tal desiderato devido às características que apresentavam tanto a UPA-FNLA fundada em 1954 e a UNITA proclamada em 1966, no dia 13 de Março embora a ideia da sua criação tivesse surgida em 1965 entre Jonas Malheiro Savimbi e Tony da Costa Fernandes em Champagnix (Suíça) (6)

A missão de Agostinho Neto foi extremamente difícil. Apesar de ter conseguido e eleição como presidente do MPLA durante a primeira conferência nacional realizada em Dezembro de 1962, agudizaram-se as contradições com Viriato da Cruz ex-primeiro Secretário-geral por incompatibilidade e visões díspares em relação aos conceitos estratégicos que deveriam nortear a continuação do processo de luta armada, assim como a praxe diária do movimento.

Tempos depois notar-se-ia o desencanto de Mário Pinto de Andrade pelo facto do novo presidente não lhe ter informado sobre a adesão do MPLA a Frente Democrática de Libertação de Angola (FDLA) entre outros problemas internos.

A FDLA tinha sido criada em 1963, uma união entre o MPLA, o MNA (Movimento Nacional Angolano), o NGUISAKO (Nguisa a Kongo) a ALIAZO (Aliance de Ressortissandu Zombo) Nto-Abako, MDIA (Movimento de Defesa dos Interesses de Angola) e a UNTA (União Nacional dos Trabalhado-

#### **BIBLIOGRAFIA**

- 1-*CONCHIGLIA, Augusta; Agostinho Neto, da Guerrilha aos primeiros anos de independência; colecção Novo Rumo F.A.A.N.*
- 2-*AGOSTINHO, Neto e á Libertação de Angola; F.A.A.N.*
- 3-*CHICO Adão; Angola ontem; N'zila.*
- 4-*TALI, Jean Michel Mabeko; Dissidências e Poder de Estado, o MPLA perante si próprio; N'zila.*
- 5-*KUNZIKA, Emanuel; A Formação da Noção Angolana através de Luta de Libertação Nacional; Plátano Editora.*
- 6-*História do MPLA Iº e IIº Volumes.*
- 7-*Iº Colóquio Internacional Sobre a História do MPLA.*
- 8-*LARA, Lúcio; Imagens de Um Percurso; Edição ATD, Tchiveka*
- 9-*MBAH, Jean MartielArsene; as rivalidades políticas Entre a FNLA e o MPLA; 1961 – 1975; Mayamba; 9ª edição; Luanda nº 2010.*
- 10-*SAVIMBI; Jonas; Angola a Resistência em busca de uma nova nação; agência Portuguesa de revistas; Lisboa; 2ª edição; Março de 2017.*
- 11-*LIMA; Pedro Benga "Fogueirão"; Percurso Espinhosos; INALD; 1ª Edição, Luanda, 2007.*
- 12-*DIBALA Rui de Sá "O General Tranquilo, Memórias de um comissário político do MPLA" 1ª Edição Janeiro 2018.*
- 13-*MATROSSE, Dino; Memória Volume 1 (1961 - 1979) 2ª edição revista; Texto editor; Luanda, 2014.*
- 14-*ROBERTO; Holden; o pai do nacionalismo angolano; Iº Volume organização João Paulo Ganga.*

res Angolanos) encabeçada por Pascoal Luvualo, secundado por Bernardo Dombele (7).

Outras dissidências aconteceram como a Revolta de Jiboia, a Revolta do Leste, Revolta Activa em 11 de Março de 1974 (Gentil Viana, Mário Pinto de Andrade, Joaquim Pinto de Andrade entre outros). Sobre este quesito (Revoltas Internas no MPLA) aconselhamos a consulta do livro de Jean-Michel MabekoTali intitulado Dissidência e Poder de Estado, MPLA Perante si Próprio (1962-1977) Ensaio de História Política, Iº volume 1962-1964.

Depois do golpe de Estado em Portugal protagonizado pelo Movimento das Forças Armadas (MFA) com a influência de intelectuais e políticos de esquerda daquele país, os povos Africanos de Língua Portuguesa entraram num processo da descolonização.

O primeiro país foi a Guiné em 24 de Setembro de 1973 em Madina do Boé. Seguiram-se depois Moçambique em 25 de Junho de 1975, Cabo Verde em 05 de Julho de 1975, São Tomé e Prín-

cipe em 07 de Julho de 1975 e finalmente Angola em data que é soberamente conhecida.

O MPLA tendo beneficiado do apoio da população de Luanda em função do carisma de Agostinho Neto, nascido a poucos quilómetros e pela mensagem abrangente e nacionalista dos seus discursos, conseguiu neutralizar primeiro a Facção-Chipenda depois a UNITA e posteriormente a UPA-FNLA apoiada pelo exército regular do Zaire de Mobutu e mercenários.

Ao contrário do que afirma os Acordos de Alvor no seu capítulo I, DA INDEPENDÊNCIA DE ANGOLA no seu art.4, que citamos «A independência e soberania plena de Angola serão solenemente proclamadas em 11 de Novembro de 1975, em Angola, pelo Presidente da República Portuguesa ou por representante seu expressamente designado» (8).

Tal condição não se concretizou pois não se encontrava em Angola qualquer representante da República Portuguesa na madrugada do dia 11 de Novembro de 1975.

Sendo assim Agostinho Neto as 0:00 Horas do referido dia sobre o ribombar de canhões que se escutavam provenientes de Quifangondo proclamou perante a África e o Mundo a Independência Nacional. Antes tinha

sido investido no cargo por Lúcio Lara no salão nobre do Governo Provincial de Luanda. O primeiro líder da nação governou até 10 de Setembro de 1979. As primeiras instituições criadas foram: o primeiro Governo da República Popular de Angola, a Assembleia do Povo, o Conselho da Revolução e o Tribunal Popular Revolucionário.

#### V – CONCLUSÃO.

Atevemo-nos a afirmar que se Agostinho Neto, não tivesse proclamado a nossa independência e se tornado o presidente da primeira república figuraria de igual modo e por direito próprio na galeria dos próceres das independências africanas como por exemplo Eduardo Mondlane de Moçambique ou mesmo Amílcar Cabral da Guiné Bissau, que como sabemos morreram prematuramente. Só quem não domina os meandros e a complexidade desse período da história do nacionalismo e das Independências Africanas, pode ter a veleidade e ingenuidade de não reconhecer os méritos de Agostinho Neto.

Algo no entanto é profético, a História não se repete e ainda que assim for será sempre com contornos diferentes. Os factos estão ao alcance de quem tem mente aberta para enxergar ou olhos de ver descomplexada-



mente.

Quanto a nós continuaremos a ser cicerones do nosso tempo e arautos de uma mensagem desmistificante que coloca cada actor no seu patamar correspondente. Caber-nos-á sempre a responsabilidade de não

camuflar a História Moderna de África e em particular a do Nacionalismo Angolano Moderno.

Desfrutempo do livro, “Agostinho Neto, da Guerrilha aos primeiros anos de independência”, álbum fotográfico de Augusta Conchiglia.

## Géneses da pseudonímia angolana: significados e contexto de adopção

*Optar por um apelido, anagrama, código do nome, um nome que nos agrada ouvir e pronunciar sempre foi comum entre os fazedores de arte e pessoas singulares que, por alguma razão, não se identificam com os nomes próprios. É frequente ouvir histórias de pessoas que optaram por ser chamados por nomes que não constam nos seus cartões de nascimento. Dentro do mundo artístico existem várias maneiras à disposição dos artistas para promover, assegurar as carreiras e mantê-las vivas e em contacto permanente com os fãs, os principais consumidores da marca. Os nomes tornam-nos seres expressamente únicos e originais. De facto, todos os fazedores de arte têm a noção que o nome escolhido seria o primeiro elemento a entrar e a manter o contacto com o público, o elo a ser estabelecido entre o artista, a obra e o fã.*



MARIA  
TONA

Há que se dizer, todavia, que os artistas sempre estiveram ligados a processos de nomeação que não são vulgarmente ou propriamente usados em comparação com o processo de nomeação dos nomes próprios. Dentro das artes existem nomes mais rebuscados, subtis, criados a partir de anagramas, números e vários outros concebidos a partir das ferramentas de criação de nomes artísticos. Criar nomes e adoptá-los como legítimos para assinar obras e apresentarem-se ao público é comum entre os fazedores da arte.



A onomástica tradicional africana sempre foi um ponto comum entre os artistas angolanos. É inevitável ouvirmos nomes como Bonga, Kyaku Kyadaff, Elias Dya Kimuezo, Mamukueno, Pepetela, Uanhenga Xitu, Dya Kasembe, Makuankianga, Mukwa-Luanda, Zaya Mambo e não nos interrogarmos sobre o seu significado ou sobre a história por trás da nomeação. Na verdade, este olhar voltado à onomástica africana, em escritores, principalmente, tem vindo a deixar para trás, de uma maneira gradual, os nomes recriados e com falsas etimologias.

A criatividade na hora de escolher é um elemento fundamental dado ao facto de não existir um padrão pré-estabelecido para o efeito. Em virtude disto, encontramos nomes como Dya Kasembe, Kunduma, M'bangula Katúmua, Zoca Zoca, Tuzuary Nkeita, 100 Dólares, Zaya Mambu, Tony do Fumu, Preto Show, Zé do Pau, Fogão, Puto Português, Kyaku Kyadaff, Game Walla, Dama Beyonce, Come Todas. Assim, desfrutando desta liberdade há



Há que se dizer, todavia, que os artistas sempre estiveram ligados a processos de nomeação que não são vulgarmente ou propriamente usados em comparação com o processo de nomeação dos nomes próprios. Dentro das artes existem nomes mais rebuscados, subtis, criados a partir de anagramas, números e vários outros concebidos a partir das ferramentas de criação de nomes artísticos. Criar nomes e adoptá-los como legítimos para assinar obras e apresentarem-se ao público é comum entre os fazedores da arte.

A onomástica tradicional africana sempre foi um ponto comum entre os artistas angolanos. É inevitável ouvirmos nomes como Bonga, Kyaku Kyadaff, Elias Dya Kimuezo, Mamukueno, Pepetela, Uanhenga Xitu, Dya Kasembe, Makuankianga, Mukwa-Luanda, Zaya Mambo e não nos interrogarmos sobre o seu significado ou sobre a história por trás da nomeação. Na verdade, este olhar voltado à onomástica africana, em escritores, principalmente, tem vindo a deixar para trás, de uma maneira gradual, os nomes recriados e com falsas etimologias.

A criatividade na hora de escolher é um elemento fundamental dado ao facto de não existir um padrão pré-estabelecido para o efeito. Em virtude disto, encontramos nomes como Dya Kasembe, Kunduma, M'bangula Katúmua, Zoca Zoca, Tuzuary Nkeita, 100 Dólares, Zaya Mambu, Tony do Fumu, Preto Show, Zé do Pau, Fogão, Puto Português, Kyaku Kyadaff, Game Walla, Dama Beyonce, Come Todas. Assim, desfrutando desta liberdade há quem prefere homenagear a cidade de origem, o país, o continente, a flora ou a fauna. O escritor angolano José Vieira Mateus da Graça (1935), por exemplo, adotou o nome artístico de José Luandino Viera, Luandino para homenagear a capital do seu país,

Luanda. Quem também, pela mesma razão, não passou despercebido foi Francisco Fernando Costa Andrade (1936-2009) que, em gesto de homenagem à sua terra e ao continente berço, recriou nomes caríssimos como Angolano de Andrade, Nando Angola, Africano Paiva. A modalidade atravessou a geração. Hoje também há quem prefira ser conhecido pelo nome do país ou do continente de origem, de algum elemento da sua flora ou da sua fauna. Nomes como MC Cabinda, Pedrito do Bié, Mukwa-Luanda, Mwana Nzetu, Mwana Soyo, Nguimba Ngola, Namibiano, Africanas, Africanita, Welwitschia Moreira.

#### **SIGNIFICADOS E CONTEXTO DE ADOÇÃO**

Os nomes sejam estes próprios ou fictícios carregam significados singulares, assim como os próprios contextos de adoção. Os nomes fictícios de artistas do mercado angolano, por exemplo, levam-nos a viajar para a sua cultura, suas infância, brincadeiras e manias. Com finalidade de apresentar os significados e os contextos de adoção dos nomes fictícios adotados pelos artistas da praça angolana seleccionamos de forma os seguintes autores:

**Bangão** (1962-2015), nome artístico de Bernardo Martins Correia, músico, compositor e detentor de vários prémios e homenagens. Bangão foi dono de uma riquíssima voz que o mundo teve o prazer de ouvir. O seu nome artístico surgiu na juventude, dentro do seio familiar, tal como ele explica:

Os meus pais eram cristãos e determinavam que devia estar sempre ocupado a estudar e a frequentar a igreja e isso obrigava-me a estar sempre vestido a rigor. Isso para os outros jovens era estranho, então passaram a chamar-me de "Bangão". O termo que

na altura era usado como estiga, hoje tornou-se na sua marca [...]. (Sapo-Banda, 2013).

**Ondjaki**, nome literário de Nadalu de Almeida (1977), sociólogo, poeta, escritor da geração da nova literatura angolana. Ondjaki é dono de uma vasta bibliografia de mais de quarenta obras. O nome literário em umbundu carrega significados que muito valem a pena, tal como esclarece:

#### **Pergunta: O seu nome, Ondjaki, o que significa?**

Resposta: Ondjaki significa, literalmente, «aquele que enfrenta desafios», e é uma palavra umbundu. Eu era para ser chamado Ondjaki, mas à última hora os meus pais decidiram mudar para outro nome. Quando comecei a escrever achei bem pegar nesse nome que outrora me esteve destinado. (Floresta do Sul, 2017).

**Uanhenga Xitu**, nome literário de Agostinho André Mendes de Carvalho (1924-2014), enfermeiro, romancista e poeta da geração 70. O escritor foi membro fundador da União dos Escritores Angolanos.

Quanto ao significado do seu nome artístico, o autor esclarece:

#### **Pergunta: Por quê UanhengaXitu? O que significa?**

Resposta: É "o poder é odiado". Numa aldeia, ou numa cidade, o Presidente da República, por exemplo, leva o poder. Como ele é odiado, tem de rodear-se de polícias, agentes, guarda-costas, carros, sirenes, de toda a proteção possível. Em kimbundu, Xitu é "carne" e Uanhenga é "pendurar, levar a carne" ou "andar com a carne pendurada", que, traduzido literalmente em português: "o poder é odiado". Como os sobas, por exemplo, contam sempre com os inimigos à espreita. (Ana de Sá, S/a).

**Kyaku Kyadaff**, nome artístico de Eduardo Fernandes Kyaku (1982). Músico da nova geração da música popular angolana, amante da sua língua materna, o kikongo. Kyaku é dono de uma excelente voz e suas temáticas, muito versáteis, encantam o seu público. O seu nome artístico surge de uma junção fantástica de algumas letras dos nomes dos pais. Tal como ele explica:

#### **Pergunta: KyakuKyadaff, já notou a dificuldade que muitos têm em pronunciar o seu nome? E o que significa?**

Resposta: Kyaku é um nome kikongo e significa "teu". Já Kyadaff resultou da junção do meu primeiro nome (Kyaku), do nome da minha mãe (Fineza) e do meu pai (Fernandes). Foi a designação que escolhi ao princípio da carreira para me apresentar enquanto artista.

**Filho do Zua**, nome artístico de Sós-tenes da Costa Zua (1994), cantor da nova geração que despontou no mercado angolano. "A Saia Dela", sucesso nacional, faz parte do primeiro trabalho de divulgação do cantor. O seu nome artístico carrega um agnome usado para diferenciar o filho do pai, tal como explica:

#### **Pergunta: Seu nome completo é Sós-tenes Jeremias da Costa Zua. Por que razão se chama Filho do Zua?**

Resposta: Esse nome foi-me atribuído na Igreja por um pastor. Quem se chama Zua é o meu pai. Como os irmãos da Igreja não gostavam de me chamar pelo próprio nome, chamavam-me Zua, que é o nome do meu pai. Isso começou a causar algum constrangimento, pois a dada altura, quer eu quer o meu pai ficávamos sem saber a quem estavam a chamar. Para acabar com isso, o pastor passou a chamar-







me de Filho do Zua, para diferenciar. Pensei que o nome fosse ficar só pela Igreja, mas para meu espanto ultrapassou as paredes da Igreja e chegou ao bairro. Várias vezes tentei dizer às pessoas que não me chamava Filho do Zua, mas foi em vão. Então, deixei só já assim. Hoje sou conhecido como Filho do Zua. (Jornal Cultura, 2017).

**Don Kikas**, nome artístico de Emílio Camilo da Costa, conhecido pelas suas temáticas sensuais. Com mais de 8 obras discográficas, é dono de um "Xeque-Mate" que arrecadou no ano 2000, ano que lhe deu os galardões de "Disco de Ouro" por mais de 20.000 cópias vendidas. O seu nome artístico vem da sua infância querida. O cantor explica sobre a origem do seu pseudó-

nimo:

**Pergunta: Qual é origem do nome Don Kikas?**

Resposta: Quando nasci meu irmão mais velho começou do nada a chamar-me de Kikas (ele tinha 2 anos) na altura e esse passou a ser o meu nome de casa. Quando era miúdo criei o meu nome artístico "KID KIKAS" mas depois deixei de gostar, quando gravei o primeiro Disco, na brincadeira alguém me chamou de Don Kikas e achamos que podia funcionar.

**Santocas**, nome artístico de António Sebastião Vicente (1954), intérprete, músico e compositor de belas canções que Angola teve o prazer de cantar e ouvir cantar. Com apenas 6

anos de idade, Santocas já era o rei dos palcos infantojuvenis. O seu nome artístico vem de uma história de fé. Tal como o autor explica:

O nome artístico, Santocas, vem de Santo António nome de uma conhecida Igreja, situada em Kifangondo, em Luanda, local de culto, onde a mãe rezava pela saúde do filho. Santo António era o nome de tratamento no seio restrito da sua família.

**Referências**

SARAIVA, Arnaldo, *Um Nome: Para o Seu Filho e Para a sua Filha*, Porto: Unicepe, 1986.

FONSECA, Martinho Augusto da, *Subsidios para um Dicionário de Pseudonyms - Iniciais de Obras Anonymas de Escritores Portuguezes, Contributo para o Estudo da Literatura Portuguesa*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1972.

ANDRADE, Adriano da Guerra, Di-

cionário de Pseudónimos e Iniciais de Escritores Portugueses, 4ª ed., Lisboa: Biblioteca Nacional, 1999.

SILVA, Inocêncio Francisco da, *Subsidios para um Dicionário de Pseudónimos - Vol. XXV, 4ª ed.*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.

Maria Suca Francisco Tona, Mestre em Estudos Lusófonos pela Universidade da Beira Interior/Portugal, licenciada em Ensino e Investigação em Língua Portuguesa no ISCED Cabinda onde trabalha como professora de Literatura Angolana, Literatura Portuguesa I e II e Português II. É membro do programa "Assim se fala, Assim se escreve em Português" da Rádio Cabinda na rubrica de Literatura. É Coordenadora do micro-programa académico de recolha de Oratura da sociedade cabindense.

# Hildebrando de Melo expõe na galeria da livraria Sá da Costa

A Galeria da icónica Livraria Sá da Costa, no Chiado, acolhe a FÓRMULA do artista angolano, Hildebrando de Melo (HdM), entre 18 de Outubro e 9 de Novembro.

**F**ÓRMULA, nome da mostra, reúne 13 objectos produzidos entre 2016 e 2018, sendo que 7 são inéditos, parte do símbolo químico do Zarcão, Pb304, composto que combate a ferrugem e à qual HdM recorre na produção escultórica, seduzido pela cor vermelha e interpelado pela metáfora da sua capacidade anticorrosiva.

Eat e Fome têm preponderância neste conjunto de trabalhos de Hildebrando de Melo, pela urgência do tema e “pela imperativa necessidade de um posicionamento político, que dê uma resposta efectiva a um problema em crescendo, com o agravamento das condições financeiras em Angola”, refere, sempre numa perspectiva de intervenção e de empoderamento colectivo.

No texto do catálogo da exposição.

Raquel Ermida realça a estética do artista, resultante da fusão da urbanidade com elementos do universo ancestral da escultura africana. Para a investigadora do Instituto de História de Arte da Universidade Nova de Lisboa, “o estado de mutabilidade do desenho de HdM prende-se com o domínio do ritual e elementos tribais. Interessado pelo potencial metafísico de transformação através da arte, o artista recorre a figurações híbridas de organismos vivos e criaturas mitológicas, fruto de um imaginário próprio que reinventa permanentemente, e que é ao mesmo tempo cártico e regenerador”.

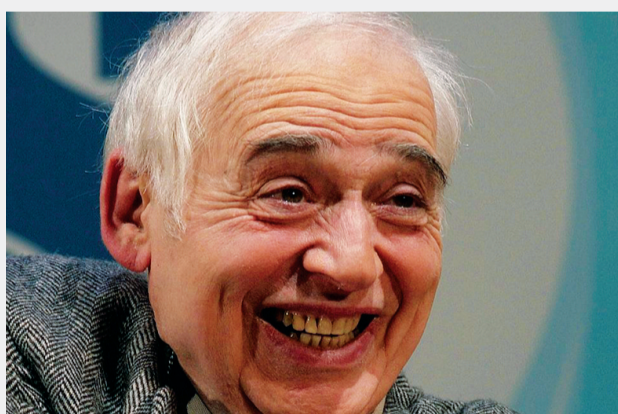
Há um traço consensual à crítica à obra do artista, a de que gosta de dissecar a “condição humana”. Melo é um observador exímio da espécie humana, “mas na condição de vírus

que precisa de proteínas para viver, o confronto com a terra pela busca de alimentos. A fome, as doenças, os desastres naturais, Deus”.

A dúvida acerca do que está antes do ser e daquilo que lhe dá origem, é um desassossego na arte de Hildebrando de Melo. É então através dos materiais utilizados e do profundo fascínio que o autor mantém por estes que Melo vai procurando respostas para algumas das suas inquietações”.



“São eles que permitem ao espectador ir até às entranhas, ao mais profundo âmago da minha obra”. Perante a obrigação de trabalhar, desde muito jovem, para apoiar a sua família em Portugal, Hildebrando de Melo cedo se viu operário numa fundição. O ferro tornou-se assim um material privilegiado na sua obra, não só pela destreza com que o manipula, como pela forma como este inexoravelmente marcou a sua juventude.”



## Morreu o famoso crítico literário norte-americano Harold Bloom

*Nascido em Nova Iorque, tinha 89 anos e foi um dos mais famosos críticos literários da segunda metade do século XX. Defensor da supremacia do “cânone ocidental”, elogiou Saramago, Camões e Pessoa.*

Morreu no dia 14 de Outubro de 2019, num hospital em New Haven, Connecticut, o crítico literário norte-americano Harold Bloom. A morte foi confirmada pela mulher, Jeanne Bloom, notícia o The New York Times. Harold Bloom tinha 89 anos e era considerado um dos críticos mais influentes da segunda metade do século XX. A sua última aula universitária, em Yale, foi dada na quinta-feira antes da partida.

Devoto em absoluto de William Shakespeare — a quem chegou a chamar “Deus” —, leitor compulsivo confesso, Bloom privilegiava, enquanto crítico, o gosto clássico, tanto na origem geográfica dos escritores (maioritariamente ocidentais) quanto na

sua dimensão histórica. Aquilo que mais o ocupava e interessava era mesmo a reflexão sobre o “cânone ocidental”, para usar a expressão que utilizou para dar título a uma das suas obras ensaísticas mais famosas, publicada em 1994, na qual analisava as obras que considerava cimeiras na história da literatura europeia e americana.

Especialmente avesso à avaliação das obras literárias tendo como critérios o posicionamento ético e político e as origens do seu autor, rejeitando em absoluto a função da arte como doutrinação, Harold Bloom foi um grande defensor “da superioridade literária de gigantes do Ocidente como Shakespeare, [Geoffrey

Chaucer e Kafka”, como lembra o The New York Times.

Os seus críticos, que Bloom incluía na lista de seguidores da “Escola do Ressentimento” (que cunhou), notavam que as grandes referências do erudito nova-iorquino eram sobretudo “brancas e masculinas”, acrescenta o jornal — mas não só, eram maioritariamente autores que não lhe eram contemporâneos. Entre os escritores com os quais conviveu temporalmente, poucos o cativaram. Philip Roth e Samuel Beckett são alguns exemplos dos poucos a quem reconhecia genialidade. Geoffrey Hill, Iris Murdoch, Cormac McCarthy e o português José Saramago (a quem, num momento de

arrebatamento, chegou a chamar o maior romancista vivo e que numa entrevista considerou “um homem notável” e “homem iluminado”) também lhe mereceram elogios, assim como Eça de Queirós, por exemplo — que incluiu, tal como Fernando Pessoa e Luís Vaz de Camões, entre os cem autores maiores da história da literatura mundial, na obra Génio.

Perante a limitação do tempo eram os clássicos, sempre, que lhe ocupavam mais tempo. A Os Maias, por exemplo, chamou “um dos mais notáveis romances europeus do século XIX”, comparando-o com os maiores romances da história literária europeia.

# As Forças Armadas Angolanas: Contributos para a Edificação do Estado



EUGÉNIO COSTA  
ALMEIDA

No âmbito das Relações Internacionais, em geral, e dos Estudos de Segurança, em particular, desde há muito que existe uma vasta literatura que aborda a temática da guerra, as causas e as motivações que lhes estão inerentes, e nomeadamente o envolvimento das Forças Armadas – criação, meios e acções – e o impacto político, económico e social que as mesmas reflectem no espaço nacional, regional ou continental, e global.

Mas quando o objecto de análise é a criação e o desenvolvimento de umas Forças Armadas de um País, como no caso que o Tenente-Coronel Luís Bernardino analisa – acrescentaria, que com oportunidade e inteligência vem apresentando e analisando –, o das Forças Armadas Angolanas (FAA), a obra, ainda que na sequência de outras duas já elaboradas e disponibilizadas, apresenta-se muito oportuna e importante, mais marcante se torna a análise desta obra.

O autor é um reconhecido investigador académico doutorado que, a par da sua actividade profissional como militar do Exército Português, e, talvez, por via disso, nos tem oferecido uma vasta obra sobre a temática da segurança e os esforços das Forças Armadas – no caso do autor, de diversos países, ainda que, na questão particular da segurança, com especial destaque para a temática da “Arquitectura de Paz e Segurança em África” – na persecução e manutenção da paz, no contributo para o desenvolvimento económico e social dos seus países e na formação do carácter dos futuros dirigentes nacionais.

Foi baseado nestes princípios, e no evoluir da sua carreira militar, que o Tenente-Coronel Luís Bernardino, após a conclusão do seu Doutoramento em Relações Internacionais, nos ofereceu, em 2013, a obra “A Posição de Angola na Arquitectura de Paz e Segurança Africana: Análise da Função Estratégica das Forças Armadas” (Coimbra: Edições Almedina, 964 páginas), onde nos recorda a evolução histórica da formação das FAA, da sua profissionalização e do preponderante papel que, na opinião do Professor Ives Gandra da Silva Martins, as FAA vêm tendo na “estabilização institu-

cional à luz [do que o autor denomina de] trilogia do D (Defesa, Desenvolvimento e Diplomacia)” (2013: 11).

Após este monumental importante documento, seguido na mesma linha temática, seguiu-sena língua inglesa a obra «Angola in the African Peace and Security Architecture: The strategic role of the Angolan Armed Forces» Lisboa: Mercado das Letras, já com duas edições (Maio 2017 e Março de 2019), 542 páginas; a que se segue este novo projecto «As Forças Armadas Angolanas: Contributos para a Edificação do Estado» que ora se analisa.

Ao longo da obra e das suas 800 páginas, 12 capítulos, distribuídos por 3 partes que dividem a obra, e excelentes documentos e fotos inéditos, o autor oferece-nos, com muita clareza, mais uma importante contribuição para a historiografia militar angolana, evidenciando e relevando, como refere no seu Prefácio o Ministro da Defesa de Angola, General Salviano Sequeira «Kianda», a “...valorização dos aspectos conceptuais de segurança e de desenvolvimento, bem como dos assuntos relacionados com a conflitualidade e as relações internacionais no Mundo e, em particular, em África...” (pág. 23), bem como sem esquecer, como recorda o General da FAA José Luís de Sousa, no seu Prefácio, “...estudar a transição das Forças Armadas Popula-

res de Libertação de Angola – FAPLA – a partir do maquis (...) e com o advir da junção de algumas forças guerrilheiras, tais como a UNITA, as FLEC e as FNLA, forças adversárias no passado, integradas hoje (... no) nascer das novas Forças Armadas Angolanas como processo de construção do Estado em Angola...” (pág. 27).

A obra que se analisa, As Forças Armadas Angolanas: Contributos para a Edificação do Estado, está dividida em 3 partes., sendo que a Parte I «As dinâmicas da segurança e do desenvolvimento em ambiente de conflitualidade. Uma abordagem no contexto africano» está distribuída por 3 Capítulos (pp: 53-164; a Parte II «As Forças Armadas Angolanas como elemento de potencial estratégico de Angola. Uma abordagem geoestratégica e geopolítica» – na minha opinião o núcleo principal desta obra –, dividida em 5 Capítulos (pp: 166-469), e a Parte III «Contributo das Forças Armadas Angolanas para a Segurança e Defesa Regional Africana. O Exercício Militar “Felino”», repartida por 4 Capítulos (pp: 470-569) a que não falta uma excelente, importante e profícua Bibliografia, seguida de 210 relevantes páginas de Anexos documentais entre fotos, comunicados e outros fundamentais documentos (alguns dos quais, entretanto, desclassificados).

De relevar, entretanto, alguns pontos que se considera de impacto para uma observação atenta a esta obra:

1. A temática da gestão de conflitos e conflitualidade em África (Parte I, Capítulo II, pp: 91-106) e as estratégias de segurança e apoio ao desenvolvimento em África (Parte I, Capítulo III, pp: 138-148) no âmbito da Arquitectura de Paz e Segurança Africana (APSA);

2. O potencial geoestratégico e geopolítico das FAA seja na formação da Nacionalidade (Parte II; Capítulo I, pp: 169-204), como vector de modernidade Parte II; Capítulo IV, pp: 349-364), ou para a construção da «nova» identidade e segurança angolana (Parte II; Capítulo V, pp: 367-469), sem esquecer a génese da formação das FAA (Parte II, Capítulo II);

3. O contributo das FAA não só para a Segurança e Defesa Regional Africana (Parte III), tanto no espaço da APSA (Parte III; Capítulos I e II, pp: 471-516), seja nas participações internacionais, no caso, exercícios militares conjuntos internacionais, como o exercício militar «Felino», onde Angola, pela primeira vez, em 2010, foi sede dos mesmos (Parte III; Capítulo IV, pp: 528-541), sem esquecer, contudo, a reflexão estratégica (Parte III; Capítulo II) e o cooperar das FAA no Centro de Estudos Estratégicos de Angola (CEEAA), importante Centro de Investigação civil-militar – talvez, o mais relevante centro de investigação de Angola com impacto internacional – o que demonstra a peso das FAA nas relações entre os sectores militar e civil (Parte III; Capítulo III, pp: 523-526).

Perante esta análise, considero que esta obra do professor Doutor e Tenente-Coronel Luís Bernardino traz, na linha das anteriores obras publicadas que abordam a temática das Forças Armadas Angolanas, um significativo e forte contributo para os académicos – bem como para as próprias Forças Armadas – nos seus estudos de e sobre Angola e sobre o contributo de ambos (Angola e FAA) para a segurança regional e continental – bem assim como para um melhor conhecimento sobre a História de Angola.

Lisboa, 07 de Outubro de 2019

*Eugénio Costa Almeida é investigador integrado do Centro Estudos Internacionais do ISCTE-IUL (CEI-IUL, Lisboa, Portugal e investigador associado do CINAML (I&D da Academia Militar de Lisboa). O mesmo é Doutorado em Ciências Sociais, especialidade de Relações Internacionais, (ISCSP-UTL). [http://elcalmeida.net]eugenio.luis.almeida@iscte-iul.pt e elcalmeida@gmail.com*



# Cultura, identidade cultural e globalização



LÚCIA MARIA PATRIOTA

## Introdução

A cultura faz parte de uma realidade em que a mudança é um aspecto fundamental: a realidade humana. O homem, como bem coloca Ulmann (1991),

não vive predeterminado pelo instinto, esse vive aprendendo a viver, adoptando comportamentos, atitudes e identidades diferentes. Isso é cultura. Impossível de ser discutida sem que se discuta o próprio processo social concreto. Impossível tratá-la como algo estanque, isolado de um contexto global, daí a intenção de se discutir um pouco sobre identidade cultural, questão que toma bastante ênfase nos debates e na teoria social, associando-a ao processo de globalização. Quais as consequências desse fenómeno sobre as identidades culturais? E que identidades são estas?

O artigo tem por base a produção teórica de Stuart Hall, *A identidade cultural na pós-modernidade* (1999), cuja discussão maior gira em torno da chamada crise da identidade, ou seja, argumenta-se que as velhas identidades estão sendo substituídas por novas identidades. Sua análise parte das várias concepções de sujeito construídas e assumidas ao longo do processo histórico e que determinam as identidades.

Inicialmente são apresentadas considerações gerais sobre cultura, alguns conceitos, os sentidos comumente atribuídos ao conceito e a importância

de estudos acerca do mesmo.

Em seguida são apresentadas três concepções de sujeito, o sujeito do Iluminismo,

o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno e suas respectivas identidades, ouseja, enfocam-se as mudanças nos conceitos de sujeito e de identidade.

Por fim, seguem-se as reflexões sobre o processo de globalização e a repercussão do fenómeno sobre as identidades culturais.

Muito embora o artigo esteja sistematizado por partes, a nossa com-



*O artigo tem por base a produção teórica de Stuart Hall, A identidade cultural na pós-modernidade (1999), cuja discussão maior gira em torno da chamada crise da identidade*



preensão é que as três temáticas – cultura, identidade cultural e globalização – estão intrinsecamente ligadas, tornando difícil abordar uma delas sem que as outras não sejam

mencionadas.

## CULTURA: CONSIDERAÇÕES GERAIS

Conceito presente nas elucubrações teóricas mais rebuscadas e nas reflexões quotidianas menos refinadas, podemos afirmar que cultura é uma preocupação marcante na era da contemporaneidade.

Palavra polissémica, ela tem sido usada com os mais variados significados e lhe são imputados vários atributos, tais como: popular, erudita, nacional... O fato é que por cultura se entende muita coisa, a multiplicidade de significados assumida pelo conceito lhe é marcante.

Cultura é uma palavra de origem latina e seu significado original está ligado às actividades agrícolas (Santos, 1994). Vem do verbo latino colere, que quer dizer cultivar. Foram os romanos antigos que ampliaram esse significado inicial do termo, passando a fazer uso do mesmo significando refinamento pessoal. Comumente se faz esse uso do termo cultura até hoje.

Santos apresenta-nos duas concepções básicas de cultura.

A primeira dessas concepções preocupa-se com todos os aspectos de uma realidade social. Dessa forma, cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação. Esse é o significado moderno do conceito que passa a ser assumido, notadamente no século XIX, atrelado ao desenvolvimento de teorias científicas sobre a vida e a sociedade e passa a tratar da totalidade das características de uma realidade social.

A segunda concepção refere-se ao conhecimento, às ideias e crenças de um povo, assim como às maneiras como eles existem na vida social. A cultura, assim, diz respeito a uma esfera, a um domínio da vida social.

É o mesmo autor que ressalta um importante facto: as duas concepções nos levam a entender a cultura como uma realidade estanque, parada, negando-lhe sua essência que é a dinamicidade. Sobre isso, ele nos diz: “se a cultura não mudasse, não haveria o que fazer senão aceitar como naturais as suas características e estariam justificadas, assim, as suas relações de poder” (Santos, 1994: 83).

Ulmann (1991) também atribui à cultura dois sentidos:

Em sentido amplo, cultura designa o *modus vivendi* que os homens desenvolveram e desenvolvem reunidos em sociedade.

Em sentido restrito, cultura significa o *modus vivendi* global de que participa determinado povo.

Ele define cultura como sendo “a superação daquilo que é dado pela natureza. Logo, é aquilo que o homem transforma” (1991: 84).

Tendo como matriz produtora a natureza, a cultura vai além desta. Não é dada naturalmente, não é decorrência de leis físicas ou biológicas, mas constitui-se numa construção histórica, um produto colectivo da vida humana, e, assim sendo, assume um carácter eminentemente libertador, transformador, podendo também se colocar como factor restringidor, “a cultura ao mesmo tempo liberta e restringe, pro-

move e coíbe, desvençilha e impõe freios” (Ulmann, 1991: 89).

A cultura não permite apenas que se descreva e compreenda uma realidade, mas aponta caminhos para a sua modificação, ela nos leva a entender o processo histórico que produz a sociedade – e a própria cultura – as relações de poder e o confronto de interesses dentro da sociedade.

Os estudos da cultura contribuem sobremaneira para o combate, e, até mesmo, eliminação do preconceito. Contribui para o entendimento dos processos de transformação pelos quais passam as sociedades contemporâneas, ajudando-nos a pensar a nossa própria realidade social e o processo de construção das nossas identidades culturais.

### IDENTIDADE CULTURAL

O exterior exerce um importante papel na formação de nossa identidade, que está presente no nosso imaginário e é transmitida, fundamentalmente, por meio da cultura. A identidade é o que nos diferencia dos outros, o que nos caracteriza como pessoa ou como grupo social. Ela é definida pelo conjunto de papéis que

desempenhamos e é determinada pelas condições sociais decorrentes da produção da vida material.

Quando nos referimos à identidade cultural, referimo-nos ao sentimento de pertença a uma cultura nacional, ou seja, aquela cultura em que nascemos e que absorvemos ao longo de nossas vidas. Ressaltamos aqui, que esta identidade não é uma identidade natural, geneticamente herdada, ela é construída. Hall (1999: 50) assim a define: “uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto as nossas acções, quanto a concepção que temos de nós mesmos”.

Para este mesmo teórico, a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, ela não é automática. Ele apresenta-nos três concepções de sujeito e suas respectivas identidades: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

O sujeito do Iluminismo baseava-se na concepção da pessoa humana como totalmente centrada, unificada. Corresponhia a uma concepção individualizada e o centro essencial do EU correspondia a sua identidade. Tal concepção é reforçada por Descartes quando este estabeleceu a concepção do sujeito racional, pensante e consciente, situado no centro do conhecimento, o chamado sujeito cartesiano.

À medida que o mundo moderno se tornava mais complexo, emergia a consciência de que esta essência interior do sujeito, que determinava a sua identidade, inexistia.

O sujeito não é autónomo e auto-suficiente, mas é formado com outras pessoas que lhe mediam os valores e símbolos – a cultura. Assumia-se o entendimento de que a identidade é formada na interacção entre o sujeito e a sociedade. Esta é a concepção sociológica do sujeito.



Como as sociedades modernas caracterizam-se, fundamentalmente, por serem sociedades de mudanças constantes e rápidas, o modelo sociológico interactivo que é produto da primeira metade do século XX, começa a ser perturbado por mudanças estruturais e institucionais. A noção de um sujeito como tendo uma identidade unificada e estável é superada. Esta passa a ser definida historicamente e não biologicamente. O sujeito passa a assumir identidades diferentes em diferentes momentos.

Há uma espécie de perda de um sentido de si, que Hall denomina de crise de identidade. Esta é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. Sobre isso, ele diz:

“A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia.

Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar” (1999: 13) O posicionamento de Hall é de que há um descentramento do sujeito nas sociedades modernas e, conseqüentemente, das identidades e que este descentramento foi favorecido por cinco grandes avanços na teoria social. Os descentramentos são os seguintes:

A retomada e reinterpretação da

obra de Karl Marx. A afirmação de Marx de que o homem faz história, mas a faz sob condições históricas criadas por outros homens, desloca qualquer noção de agência individual. Ele coloca as relações sociais e não uma noção abstracta de homem no centro de seu sistema teórico.

O segundo descentramento vem da descoberta do inconsciente por Freud. A teoria de Freud de que as nossas identidades, a nossa sexualidade e a estrutura de nossos desejos são formadas com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente arrasa com o conceito do sujeito cognoscente e racional, provido de uma identidade fixa e unificada, o sujeito cartesiano. A identidade é formada ao longo do tempo, através de processos inconscientes. A grande questão que é colocada sobre o trabalho de Freud é que os processos inconscientes não podem ser facilmente vistos ou examinados.

O terceiro descentramento está associado ao trabalho do linguista estrutural Ferdinand de Saussure. Saussure argumentava que nós não somos, em nenhum sentido, os autores das afirmações que nós fazemos ou dos significados que expressamos na língua. A língua é um sistema social e não um sistema individual.

Ela preexiste a nós. O falante individual não pode, nunca, fixar o significado de uma forma final, incluindo o significado de sua identidade. Existem sempre significados sobre os quais não temos controle e estes estão sempre provocando desconstruções nas nossas mais sólidas construções, como coloca Derrida.

O quarto descentramento apresentado por Hall ocorre no trabalho de Foucault, que produz uma espécie de genealogia do sujeito moderno, destacando um novo tipo de poder que ele chama de poder disciplinador, que se desdobra ao longo do século XIX, chegando ao seu desenvolvimento máximo, no início do século XX.

O poder disciplinador está preocupado com a regulação, a vigilância e o governo da espécie humana. Seus locais são aquelas novas instituições que se desenvolveram ao longo do século XIX e que policiam e disciplinam as populações modernas: os quartéis, as escolas, os hospitais, as prisões...

O objectivo do poder disciplinador é manter as vidas, as actividades, o trabalho, os prazeres do indivíduo, sob astuto controle e disciplina, com base nos regimes administrativos.

Por fim, o quinto descentramento corresponde ao impacto do movimento feminista, tanto como uma crítica teórica, quanto como um movimento social.

Este configurou-se num movimento de contestação e oposição, principalmente, à política liberal capitalista e às formas burocráticas de organização.

O movimento feminista teve relação directa com o descentramento conceitual do sujeito cartesiano e sociológico ao questionar a clássica distinção entre o dentro/ fora, o privado/ público; ao trazer a tona questões como família, sexualidade, trabalho doméstico; ao enfatizar o tema da forma como somos formados e produzidos como sujeitos genericados; e, ainda, ao politizar a subjectividade, a identidade e o processo de identificação.

//

*Há uma espécie de perda de um sentido de si, que Hall denomina de crise de identidade. Esta é vista como parte de um processo mais am-*

//

O facto é que a sociedade, conforme pode ser visto nos argumentos colocados por Hall, não é um todo unificado e bem delimitado. Ela está constantemente se descentrando, sendo deslocada por forças fora de si mesma, notadamente as sociedades da modernidade tardia que são atravessadas por diferenças e antagonismos sociais que produzem uma verdadeira variedade de identidades.

Esse fenómeno chamado por Hall de descentramento/ deslocamento tem características positivas. Segundo esse teórico, ele desarticula as identidades estáveis do passado, mas abre possibilidades para que novas identidades sejam criadas, produz novos sujeitos, não mais com identidades fixas e estáveis, é verdade, mas sujeitos fragmentados, com identidades abertas, contraditórias, inacabadas, sempre em processo, assim como a própria história desses sujeitos.

Globalização e identidade cultural Considerando-se a globalização como palavra de ordem do actual momento histórico, não a enfocamos aqui sob o ponto de vista económico, ou seja, como dinâmica de produção de bens que molda e conduz as economias mundiais. Não o fazemos dada a complexidade da temática sob tal prisma, o que exigiria todo um redireccionamento da análise aqui proposta.

A globalização a que nos referimos assume-se como paradigma que engloba o económico, o ideológico e o cultural e que “ameaça partes inteiras dos edifícios culturais e sociais” (Bougnoux, 1999: 189).

Processo impositivo e impessoal que atravessa a sociedade contemporânea, rompe fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades, transformando o mundo numa verdadeira aldeia global, num mundo de iguais. Essa é globalização de que falamos.

E as identidades? Onde elas ficam?

Se toda identidade se define em relação a algo que lhe é exterior, se ela é uma diferença, como ficamos?

Estabelece-se, assim, mais uma crise. Uma verdadeira crise de identidades e coloca-se à humanidade mais um desafio: como manter a sua identidade, que não é una, que não é igual, aberta ao outro – assim exige o global – sem se arriscar a perdê-la ou destruí-la? Bougnoux diz ser vital para um povo ou para uma cultura construir, consumir e manter a sua própria imagem.

Evidentemente devemos ter em mente as formas pelas quais as culturas nacionais também contri-

buem para “costurar” as diferenças numa única identidade. Sobre isso trata Hall, acrescentando ainda que estas identidades nacionais também estão sendo deslocadas pela globalização.

O fenómeno da globalização contribui para o deslocamento das identidades culturais desintegrando-as, homogeneizando-as e, conseqüentemente, enfraquecendo-as. “À medida que as culturas nacionais se tornam mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural” (Hall, 1999: 74). O confronto com uma verdadeira gama de identidades culturais é traço marcante da contemporaneidade. E é interessante até que ele ocorra, por certo há um enriquecimento, uma troca cultural, no entanto, é praticamente impossível vislumbrar tudo isso sem negar a tensão entre o global e o local, que, ideologicamente, é permeada por interesses outros, afinal, a globalização é um processo desigual e tem sua própria geometria de poder. Ela, inegavelmente, tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, tornando as identidades menos fixas e unificadas.

Argumenta-se que este é um processo irreversível. Caso o seja, somos desafiados a abrir nossas fronteiras, permitir que o novo chegue a nós sem, no entanto, abrir mão da nossa cultura nacional, de nosso legado cultural. Evidentemente isto

não é fácil, pela força hegemónica dos que invadem os espaços subalternos. O processo evidencia uma agressiva desigualdade entre “globalizador” e “globalizado”.

No entanto, como o próprio processo histórico nos permite verificar, nada é imutável. Somos os actores sociais responsáveis pelo desenrolar do grande enredo que é a História.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

É facto que a sociedade moderna caracteriza-se por ser uma sociedade de mudanças. Elas – as mudanças – marcam, na verdade, a história do próprio homem. Ele é o grande agente e paciente das mudanças.

Um quadro perturbador marca a contemporaneidade dada a velocidade e força com que as mudanças ocorrem. Isso se evidencia na questão cultural e, sobretudo, na questão das identidades culturais, que mudam de acordo com a forma como o sujeito é conceptualizado, conforme visto em Hall, e que sofrem o impacto dos fenómenos políticos e ideológicos da época, a exemplo da globalização.

A perda de um sentido de si, conseqüência das mudanças profundas que marcam as sociedades modernas e pós-modernas, abalam as referências que davam aos indivíduos uma certa estabilidade e segurança.

Não se faz aqui apologia ao conservadorismo, no entanto, é preciso conservar sim, aquilo que é fruto de toda uma construção colectiva e histórica, que nos é peculiar, que nos identifica nesse mundo de iguais, como quer o discurso global.

Outro facto é que não podemos discutir cultura ignorando as relações de poder estabelecidas nas sociedades.

O conflito entre o “global” e o “nacional” toma mais ênfase nos debates e reflexões, no entanto, ele está presente em esfera menor, ou seja, há uma tentativa de se homogeneizar as culturas nacionais, marcadas por traços peculiares e que impossibilitam qualquer tentativa de se estabelecer uma única identidade cultural.

Afinal, cultura é, sobretudo, diversidade! (João Pessoa - Número Quatro-Agosto de 2002 <http://www.cchla.ufpb.br/caos/numero4/04patriota.pdf>)

### Referências Bibliográficas

BOUGNOUX, D. *Introdução às ciências da comunicação*. Bauru: EDUSC, 1999.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

SANTOS, J. L. dos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ULMANN, R. A. *Antropologia: o homem e a cultura*. Petrópolis: Vozes, 1991.





ALÍRIO POLO

Chovia muito em Luanda naquele Abril que relutava em findar. Kiese tinha medo da chuva, refugiava-se em qualquer lugar que lhe servisse abrigo logo que as gotas do céu começassem a anunciar a sua viagem para a terra. A ela apavoravam particularmente as trovoadas, mas todo o sinal de mau tempo despertava-lhe o terror pela possibilidade de a qualquer momento ouvir aquele barulho tenebroso. Sempre que chovesse, Kiese vivia o seu drama fechada em casa, distante de tudo, recolhida num canto fugindo do som da água lá fora, das janelas que lhe dessem a vista das ruas ou mesmo da lembrança de que chovia. Só quando alguém lhe confirmasse que a chuva cessara, ela voltava ao normal, tinha medo até de constatar. O curioso é que ao longo dos seus quarenta e dois anos de vida, a chuva nunca a apanhou longe de um lugar em que pudesse se refugiar. “Já não és muito adulta para continuar com esse medo?”, ela ouvia desde a adolescência. “Já consultaste um psicólogo?” - Kiese estava cansada de responder que sim e que as consultas haviam sido todas infrutíferas. Esse Abril parecia mais longo, Kiese o vivia evitando a rua. Chovia naquela manhã. Apenas estava ela e a sua filha em casa; sua única filha, nascida há oito anos, fruto do amor visceral entre ela e o marido que, por esta altura, já havia partido para o seu local de trabalho. Sua filha já começava a aperceber-se do peso da mãe, ficavam juntas quando esta se escondia do cair das águas. - A mamã tem medo da chuva? Kiese recebeu a pergunta com espanto, mas não com o desconforto que lhe era habitual, sempre que se tocasse no assunto. Escapava-lhe dos lábios a coragem para responder, mas picava-lhe na língua a intenção de o fazer. Para uma educadora de crianças, profissão que ela desempenhava com afinco, custava-lhe agora lidar com a única que era sua. Não por vergonha da sua condição - o que era comum -, mas pela incapacidade de explicar por, talvez, também desconhecer a resposta. Para ela o “sim” sempre bastou quando lhe fizessem tal questão, agora sentia-lhe incompleto, oco, vago. “Será mesmo da chuva que eu tenho medo?” - indagava-se meditativa.

- Sim, filha, tenho. - respondeu relutante, esperando o inevitável e previsível “porquê?”, mas ele não chegou.

- Eu tenho medo do sol - confidenciou-lhe a pequena. - Mas eu não fujo dele.

- Tens medo do sol? Por quê, meu bem?

Não foi com pouco espanto que Kiese reagiu:

- Ele pode partir e os cacos vão cair aqui e queimar-nos a nós e ao nosso planeta. Kiese ia, à primeira, rir-se, mas lembrou-se que alegadamente o sol viria um dia a explodir, daqui a uns biliões de anos; o medo de sua filha tinha algum sentido nessa perspectiva astronómica. Dava-se conta que tinha mais do que o seu próprio. Chamou-lhe mais ainda a atenção a parte surrealista da resposta da menina, de os cacos do sol caírem sobre a terra e tornarem real o medo que aliena a moral colectiva, o do inferno. Encontrava aí a resposta para o seu próprio medo. Kiese nunca admitira para si mesma, talvez tivesse a coragem de o fazer quando ainda menina, mas a incapacidade de compreender naquela altura não lhe tivesse permitido formular tal pensamento. Mas nesse momento era-lhe tão claro como a água da chuva que temia, era como um saber ressurgido e reaprendido de vidas passadas ou de infâncias perdidas. As trovoadas eram para ela como tumultos celestes, Kiese temia, no final das contas, que o céu pudesse cair. O céu, aquele infinito azul, parecia-lhe instável durante as precipitações pluviais. O termo precipitação impunha ainda mais significado ao seu medo. Há sempre um signi-

ficado perdido na aleatoriedade da vida e do universo à espera que o encontrem e o apliquem a juízos pré-estabelecidos. Sempre encaixa. Kiese pensava assim, mas não escapava da tentação. Se o céu caísse, achava Kiese, não traria o paraíso à terra, mas afundá-lo-ia na podridão da ganância humana que prontamente corromperia o céu azul limpo e claro como tem usurpado o verde do planeta. Nalguns momentos achou serem absurdos os seus medos, mas a realidade deles era mais palpável do que as rochas.

- Eu tenho medo que o céu caia. - disse sem calcular, com uma coragem que não podia ser pensada e nem ter sido possível antes. Só sua filha, com um medo semelhante, dava-lhe a segurança suficiente para tamanha franqueza. A filha não demonstrou estranheza e nem a curiosidade inquisitória da infância para pedir mais esclarecimentos, parecia entender o que a mãe acabava de dizer como um assunto que lhe fosse familiar. Talvez os medos tenham todos a mesma linguagem, ou talvez a empatia não precise entender nada e, por isso, sejam vãs as justificações. Talvez existam respostas que só aparecem sem perguntas, ou talvez uma

mão estendida seja o maior conforto. E Kiese cedeu ao gesto que a filha fez de segurar-lhe a mão levantando-a do sofá em que se deitava no quarto. A pequena conduzia a mãe para a janela que dava para a cidade. Abriu-a. Estavam no décimo terceiro andar de um edifício no centro da Mutamba. Fazia sol e chuva forte. O tempo era agressivo nesse casamento entre medos de mãe e filha. Kiese encarava a chuva pela primeira vez, sua filha encarava o sol só mais uma vez; como todos os dias. Soou uma trovoadá violenta. O sol se rachou, o céu estremecia descendo em queda livre a velocidade das águas. Quando ia atingir os prédios mais altos da cidade, Abril terminou naquela manhã antes do seu longínquo trigésimo dia. Não mais choveu.

*Alírio Polo nasceu em Luanda numa segunda-feira do ano 97 do século passado datada de 14 de Abril. É licenciado em Engenharia Electrónica e Telecomunicações e vive paralelamente um amor febril pela literatura. Tem a escrita como uma extensão da própria vida, uma busca existencial. Cria narrativas na perspectiva de poderem agregar algo à trama da vida humana; conta histórias para desafiar a História.*



## Quando o céu quase caiu

# Omayombola



MÁRIO  
PEREIRA

1.- Mwadyakimi umoxi ni ufnu wa kubatula jihwinyi wakexile musumbisa ojhwinyi jenojo mu kitanda kyabeta mukuzukama, kyalumingu mu kamene mene, mu museke mwa Rangelu, mwene mwatungile dibata dye kwenyoko, mu muvu wa 1962. 2.- Okitadi kyotambule mu wenji wenyo waki bakele moxi ya hama se mutu kuki jiya. 3.- Mu kizuwa kyadyangele watele mu hama jihadi. 4.- Mu kizuwa kya kaiyadi watele mu dingi hama ni makwinyi a tanu. 5.- Mu kizuwa kya katatu okitadi kyatenene kya hama jitanu ni kaxaxi ka hama. 6.- Kyoso kyabindamene mukusumbila okudya ni kunwa kwe, wayi moxi ya hama kukatula okitadi, anga wamono kuma okitadi kyenyeke pe kyakambe kya! 7.- - Mukwanyani wangikatula okitadi kyami? - Wadikolo mwadyakimi mwenyo waswekele okitadi kye kyoso moxi a hama, okitadi kyenyeke kyejile ni kukalakala kwavulu tunde mu kukya ndu mwene mu ngoloxi ya izuwa yoso, kala mwene mwene wakexile kukitangela. 8.- Kukwe! Ki eme yami ngakikatula! - Wamuvutula kambonga ka diyala wolokingila ombombo ni jinzujala hanji bu jiku bwakambe tubya. 9.- - Okitadi kyami kyatundu dikanga mwene enu munginyana ne? - Wakwata hanji mukudikola omwadyakimi mwenyo watandakanya kya ni ukambelu wenyo. 10.- Eme okitadi ngakisoto kya anga ngalembwa kukisanga. 11.- Okitadi ki kyamoneka kitena kikuxi? - Kambonga kaka kakwata kya kumutumbula ni woma. 12.- Okitadi kyamoneka kitena ngo hama jiyadi ni kaxaxi ka hama. 13.- Atu kiyadi akexile mu hota yazukama odibatodyo akexile mukudikumbulula, umoxi mu dya anga wixi: mazadina anginyanene we kitadi ku bata. 14.- Wambe kuma kitadi kye akunyana mazadina? 15.- Ngevu kuma akunyanene maza mwene. 16.- Mazadina, manu,

eme mwene ngolokwambela. 17.- Okitadi kyenyeke pe kyonyane mazadina akisangele lelu mwene ngo. 18.- O mutu wakinyana walengye anga alembwa kumusanga. 19.- O muyi wafwama tumusanga lusolo ni utuvutwise okitadi kyoso ki wala hanji mukunyana! 20.- Omiji iyi miji ya ifumbe, ngolokwambela, pangyami. 21.- Tumbonga twakamukwa twakexile mutonoka twazukamena omwadyakimi mwenyo anga amukondoloka mukumwivila yoso iwakexile mutangela. 22.- Mwadyakimi wakwata kututalela anga wixi: 23.- Alukenu pe, enu mwala benyaba! 24.- Ki mudibukane, ngolomyambela kya. 25.- Omutu udibukana ulembwa kukala ni kitangana kya kudibanzela, kidi mwene. 26.- Woso ukala mukudibulula mu kyaiba uzediwa. 27.- Iyi yene yoso mwene ingene kumitangela tunde kyamivwalele. 28.- Senu nwandala kungitangela kima kyoso kyoso, mu kyatokala mu kitadi okyo kyajimbidila kya, ngala boba pala kunwivila. 29.- Umoxi mu dyenu mwala benyaba, umateke kya. 30.- Kambonga kamoxi kabalumuka kixi: kukwe! 31.- Eme ngalami kima kya kuzuwela. 32.- Kota ngidixiba mukonda adyakimi exi se mutu wakambe kya kuzuwela udixiba se kandale kudibanza! 33.- - Walungwe - wadiboto kuku wa diyala wakexile kumwivila ni jinjinda ja kumunyana okitadi kye. 34.- Eye wadibubata kudima kuna, ubalumuka nda ukwate kya mukuzwela - wadiboto mwadyakimi mwene ni muxima we woso wanemana kya. 35.- - Kukwamye! Eme wami we ki ngala ni kima kya kuzuwela. 36.- Eme wami we ki ngakijiya mukwanyani okitadi wakyambata! 37.- Ki ngandala mukala mwasunguluka wabangamana hanji omwadyakimi. 38.- Sungenu kilunji kyenu kyoso, nda ngitene kumiloloka. 39.- Mwafwamena muzwela ngo okidi kyenu! 40.- Ngilembwesenu kumisakela ni ngitene kukala mukwijiya mukwanyani wangisosola okitadi kyami. 41.- Woso ungitangela mukwanyani wangikatula okitadi kyami ngimuzalesa muxima ni kusanguluka kwabeta mukuvula. 42.- Kyoso kuku wa diyala wazumbuka kya mukuzwela, mwene watundu bu kanga mukuya mukwixana mukwa kusakela, mutu wazukama ku bata kwenyoko. 43.- Kyoso kyevu kuma musakedi watulu ni imbamba ye yoso ku mbanji yozalese ni wanga, umoxi mu dya woma wamukwata wadibale boxi woloteketa kya ni woma, dikanu dye dyoso dyolobuba mate, mesu anga wamajukula kala wolofwa we kya!

## O feitiço



1.- *Um ancião com artes de cortador de lenha vendia as mesmas no mercado mais próximo, aos domingos de manhã, no musseque Rangel em Luanda, onde morava em 1962. 2.- O dinheiro arrecadado no negócio fazia questão de o guardar debaixo da cama sem que alguém o soubesse. 3.- No primeiro dia pusera lá 200 escudos. 4.- No segundo dia colocara ali 150 escudos. 5.- No terceiro dia o dinheiro já chegava a 550 escudos. 6.- Quando necessitou de comprar a comida e a bebida, foi para debaixo da cama à busca do dinheiro e verificou que o mesmo já estava a faltar! 7.- - Quem foi que tirou o meu dinheiro? - Gritou o mais-velho que escondera o escondera debaixo da cama; esse dinheiro que viera com tanto trabalho, desde madrugada ao anoitecer de longa data, como ele mesmo vinha dizendo. 8.- Não fui eu! - Respondeu-lhe um rapazito que esperava a mandioca e a jinguba assadas que ainda se encontravam no fogareiro sem lume! 9.- O meu dinheiro que saiu de longe e vós mesmos mo roubais? - Pôs-se o mais-velho a gritar atrapalhado pela falta do dinheiro. 10.- Já o procurei e não consegui encontrá-lo. 11.- - Quanto era o dinheiro que não apareceu? - Indagou-lhe o rapazinho cheio de medo. 12.- O dinheiro que apareceu chega apenas aos duzentos e cinquenta e cinco. 13.- Duas pessoas que estavam no beco próximo dessa casa questionavam-se e um deles, afirmou: antes de ontem também me roubaram dinheiro em casa. 14.- Disseste que o dinheiro te foi roubado antes de ontem? - Indagou o outro. 15.- - Ouvi dizer que foi ontem mesmo. 16.- - Foi antes de ontem, mano, estou-te eu a dizer. 17.- Esse dinheiro que foi roubado antes de ontem só hoje mesmo foi encontrado. 18.- A pessoa que o roubou fugiu e não conseguiram encontrá-lo. 19.- Devemos encontrar rapidamente*

*o ladrão para fazer com que devolva o dinheiro que ainda anda a roubar. 20.- Essa geração é uma geração de ladrões, estou-te a dizer, meu mano. 21.- Outras crianças que andavam por ali a brincar acercaram-se do mais-velho para ouvirem dele o que dizia. 22.- O mais-velho pôs-se a observá-los e disse: 23.- Tomai cuidado, vós que aqui estais! 24.- Não tropecem, estou já a avisar-vos. 25.- Quem se equivoca não consegue ter tempo para arrepender-se. 26.- Quem se livra do mal torna-se feliz. 27.- Isso é tudo o que vos tenho dito desde que por mim fostes gerados. 28.- Se quiserem dizer-me qualquer coisa a respeito desse dinheiro aqui para ouvir-vos. 29.- Que comece um de vós aqui presentes. 30.- Uma criança levantou-se e disse: avô! 31.- Nada tenho para dizer. 32.- Prefiro estar calado pois dizem que quem nada tem para dizer, cala-se se não quiser arrepender-se. 33.- - Tens razão - disse o avô que o ouvia enfurecido por lhe terem roubado o dinheiro. 34.- - Tu que estás aí atrás com os braços cruzados levanta-te e começa a falar - afirmou o ancião com o coração pesaroso 35.- - Meu avô! Eu também nada tenho para dizer. 36.- Eu também não sei quem levou o dinheiro. 37.- - Não desejo que sejam insensatos - continuou o mais-velho. 38.- Puxai pela vossa consciência, para que possa perdoar-vos. 39.- Deveis falar apenas a verdade. 40.- Evitai que vos submetam aos actos da adivinhação, a fim de que possa conhecer quem me subtraiu dinheiro. 41.- Quem me disser quem foi que me tirou o dinheiro faço-lhe encher o coração com muita alegria. 42.- Quando o avô acabou de falar, saiu de casa para ir chamar o adivinhador que estava próximo dali. 43.- Quando pressentiu a chegada do adivinhador com todos os seus mágicos pertences, um deles, possuído pelo medo, caiu babando-se, revirando os olhos como se já estivesse a morrer!*

